

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: ARR00091

Data: 10.05.82

### Fotógrafo diz que Funai não socorre índios em extinção

Uma aldeia triste, de índios magros e doentes, com uma forte gripe e sem receber medicamentos da Funai. Este é o retrato da tribo arara, no Pará, hoje com apenas 49 índios, todos doentes, feito pelo fotógrafo do Museu do Índio Marcos Tsiwari, que passou 15 dias na aldeia com o cineasta Luis Carlos Saldanha. O filme, financiado pela própria Funai, serviu também para deixar Marcos perplexo: a estrada Transamazônica passou exatamente no meio da aldeia, riscando-a do mapa. Nela viviam 1.200 índios.



Marcos conta o que viu

índios, convidou-o para estagiar no Departamento de Fotografia. Começaram então os pedidos do diretor à Funai para a realização de um filme:

— A Funai tem por princípio não filmar nem fotografar índios. Ela não gosta. O diretor do museu insistiu muito e nós conseguimos o financiamento. A Funai liberou Cr\$ 400 mil — Cr\$ 200 mil para mim e Cr\$ 200 mil para Saldanha — para o aluguel do equipamento, compra de filmes e nos deu as passagens de avião.

#### DESPREZO

Marcos contou que os dois marcaram encontro com a equipe do coronel Barros Lima em Belém, onde pensavam encontrar médicos e equipamentos para o tratamento dos índios:

— Nós pensávamos que a Funai queria usar o filme para mostrar seu trabalho e que por isso nos tinha enviado aquela aldeia de índios doentes. Mas foi uma vergonha. O coronel Barros Lima falava aos quatro soldados que o acompanhavam que eles estavam ali para fazer um treinamento de guerra — uma coisa que ninguém entendia — e ficou apenas um dia e meio na aldeia.

Marcos acha inaceitável tanto desprezo pela vida dos índios. Os sete que morreram há um mês de gripe não receberam qualquer assistência da Funai — o esforço do sertanista Sidrey conseguiu recuperar o resto da aldeia, após meses de doença, sem qualquer apoio.

#### CARINHO

Nos 15 dias que passou na tribo, Marcos comentou que conviveu com uma raça ingênua, que se ocupa o dia inteiro de brincadeiras e carinhos entre eles quando não estão caçando ou cozinhando legumes como abóbora e mardioca:

— Eles estão muito tristes devido a doença e às mortes, mas é incrível o poder dos toques e dos carinhos na comunicação. Eles querem pegar sua mão o tempo todo, sorriem, fazem carinhos. E preciso não ter preconceitos para conseguir viver com gente assim. Mas você se descobre como um novo ser humano e leva um choque quando volta à cidade.

Com a certeza de que vai perder o emprego após estas declarações, Marcos repetiu que é preciso que todas as entidades favoráveis aos índios se unam para exigir da Funai respeito a eles. Dos problemas dos índios, segundo ele, deveriam se ocupar pessoas que gostem deles ou que conheçam sua cultura, como os antropólogos:

— O ideal seria um índio na presidência da Funai.

Segundo Marcos, a Funai, após autorizar o filme, decidiu montar uma farsa: como os araras estavam todos gripados, mandou para acompanhar a equipe dos cineastas o coronel Barros Lima, que se dizia médico, mais um sargento e quatro soldados. Eles, segundo a Funai, levariam um mini-hospital e remédios para cuidar dos índios — e esse seria o motivo do filme. Marcos contou, porém, que o coronel Barros Lima não levou um medicamento sequer e, após posar para as câmeras abraçado aos índios, deixou a aldeia um dia depois.

#### NADA FEITO

— Acho que a Funai queria promover o seu trabalho, mas não fez nada pelos índios. O coronel só atrapalhou o trabalho do sertanista Sidney Possuleo. O sertanista, sozinho e às suas custas, tentava acabar com a gripe que matou sete índios no mês passado naquela tribo. O coronel se dizia médico e não entendia nada de Medicina. Não levou remédios, apenas uma barraca de nylon que gastou um dia para montar. No dia seguinte, ele foi embora. Quando voltamos a Brasília, o coronel Zanoni Hausen (um dos indicados para dirigir o Museu do Índio no Rio) recomendou-nos nada falar sobre a morte dos sete araras — disse.

#### BATISMO

Marcos Tsiwari, cujo nome verdadeiro é Marcos Palmeira, tem 18 anos, cursa o Segundo Grau e trabalha como auxiliar do fotógrafo João Domingos La Monica, antigo companheiro de Rondon, hoje chefe da Fotografia do Museu do Índio. Ele é branco, adotou o corte de cabelos dos araras e sua pele morena dá a impressão de que, se não é índio, pelo menos é descendente.

Seu interesse pelos índios começou através do cinema — filmes sobre tribos indígenas e a história indígena o atraiam — quando, há dois anos, teve oportunidade de visitar a aldeia xavante, em Mato Grosso. Lá, conviveu com vários guerreiros, inclusive o cacique Mário Juruna, e foi batizado pelos xavantes: passou a se chamar Marcos Tsiwari, "nome artístico".

No ano passado, o então diretor do Museu do Índio, antropólogo Carlos Moreira Neto, soube de seu interesse por índios e com a idéia de levar para o museu pessoas que gostassem de

### Barra da Tijuca quer sediar Museu do Índio

O administrador Regional da Barra da Tijuca (XXIV RA), Alair Santiago, propôs ontem a transferência do Museu do Índio do Rio de Janeiro para Barra da Tijuca, onde há espaço físico e condições para instalação de ambientes apropriados para preservação do material considerado como patrimônio cultural. Ele sugeriu a construção de pequenas salas para exposição das peças indígenas numa área privilegiada que serviria como centro turístico da região.

A idéia foi estimulada, segundo ele, pela demonstração de sensibilidade do secretário de Educação, Arnaldo Niskier, em querer cultivar esse material de nossos antepassados de grande importância histórica. Alair acha, além disso, que a Barra dispõe de um grandioso potencial turístico a ser explorado e, portanto, é uma opção ideal para montagem de uma "réplica do que foi a vida de nossos índios".

#### FALTAM PLANOS

O administrador não tem planos concretos sobre os investimentos necessários para esse tipo de empreendimento ou em relação a área necessária à construção desse "centro

cultural". Supõe apenas que sua instalação não deverá ser próxima à praia devido à marésia que favorece à corrosão. As malocas poderiam ser montadas a seu ver, nas encostas verdes, situadas nas vertentes limitrofes como as áreas da Vargem Grande, Vargem Pequena, Camorim ou Recreio dos Bandeirantes.

— Creio que os benefícios de uma obra como esta não seriam apenas os relacionados à memória da cultura indígena, mas a toda a população carioca. Dentro de uma proposta mais ampla, pensamos em construir no local um centro de estudo e pesquisa sobre a formação étnica de nosso povo.

Fontes da Funai informaram na quarta-feira que o órgão não pretende desativar o Museu do Índio no Rio de Janeiro. Ao contrário, com o apoio da Secretaria de Educação pretendem construir um prédio "condigno de acordo com a relevância e importância do material indígena a ser preservado". Elas observaram que o museu está funcionando em local inadequado (Rua das Palmeiras 55, em Botafogo), além de permanecer fechado nos fins de semana.